

# Do Sul para o Mundo

pensando a tradução no contexto pós-pandemia

Seleção de comunicações apresentadas no ENTRAD 2022

Cristiane Krause Kilian  
Monique Pfau  
Vinícius Martins Flores  
Orgs.



Editora Fundação Fênix



**Cristiane Krause Kilian  
Monique Pfau  
Vinícius Martins Flores  
Organização**

**Do Sul para o Mundo:  
pensando a tradução no contexto pós-pandemia**

**Seleção de comunicações apresentadas no ENTRAD 2022**



**Editora Fundação Fênix**

**Porto Alegre, 2024**

Direção editorial: Agemir Bavaresco  
Diagramação: Editora Fundação Fênix  
Capa: Editora Fundação Fênix

O padrão ortográfico, o sistema de citações, as referências bibliográficas, o conteúdo e a revisão de cada capítulo são de inteira responsabilidade de seu respectivo autor.

Todas as obras publicadas pela Editora Fundação Fênix estão sob os direitos da Creative Commons 4.0 –  
[http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)

Este livro foi editado com o apoio financeiro do Ministério das Relações Exteriores da República Federal da Alemanha através do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD).



### *Série Humanidades e Interdisciplinaridade – 36*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Do Sul para o mundo [livro eletrônico] : pensando a tradução no contexto pós-pandemia : seleção de comunicações apresentadas no ENTRAD 2022 / organizadores Cristiane Krause Kilian, Monique Pfau, Vinicius Martins Flores. --  
Porto Alegre, RS : Editora Fundação Fênix, 2024. -- (Série humanidades e interdisciplinaridade ; 36)  
PDF

Vários autores.  
Bibliografia.  
ISBN 978-65-5460-172-6

1. Línguas e linguagem 2. Pandemia - Aspectos sociais 3. Tradução 4. Tradução e interpretação  
I. Kilian, Cristiane Krause. II. Pfau, Monique.  
III. Flores, Vinicius Martins. IV. Série.

24-225348

CDD-418.02

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Tradução : Linguística 418.02

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

DOI – <https://doi.org/10.36592/9786554601726>

### 33. A PRESENÇA DE VARIAÇÃO TERMINOLÓGICA EM ABREVIATURAS MÉDICAS



<https://doi.org/10.36592/9786554601726-33>

*Márcia Moura da Silva*<sup>1</sup>

*Ana Carolina Cezimbra*<sup>2</sup>

*Nathália Oliva Marcon*<sup>3</sup>

#### 1. Introdução

Antes de passarmos para o enfoque deste capítulo, qual seja a variação identificada em abreviaturas médicas, vale descrever brevemente o percurso que nos levou a essa identificação. O projeto ABREVITRAD foi criado a partir da prática tradutória<sup>4</sup>, quando se observou que abreviaturas<sup>5</sup>, bastante recorrentes em textos médicos, constituem um problema de tradução. A área da Reumatologia foi inicialmente selecionada porque muitos dos trabalhos de tradução eram nessa área, visto que os medicamentos para doenças reumáticas no Brasil encontram-se entre os de maior custo e é garantido pelo Sistema Único de Saúde (SUS), um dos maiores clientes da indústria farmacêutica, solicitante dos trabalhos de tradução. Depois da Reumatologia, iniciou-se uma nova etapa do projeto com a área da Cardiologia. Os exemplos de variação trazidos aqui representam as duas áreas.

Seguindo alguns princípios e técnicas desenvolvidos pela Linguística de Corpus (SINCLAIR, 1992; SARDINHA, 2004; STEFANOWITSCH, 2020), criaram-se *corpora* de estudo a partir de textos selecionados em periódicos especializados. Um *corpus* paralelo foi criado com 246 artigos escritos originalmente em português e

---

<sup>1</sup> Mestre e Doutora em Estudos da Tradução (UFSC), professora adjunta na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: marciamouras@hotmail.com.

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Letras (bacharelado) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: linacezimbra@outlook.com.

<sup>3</sup> Graduanda do curso de Letras (bacharelado) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: ntolivam@gmail.com.

<sup>4</sup> Uma das autoras trabalhou em grandes projetos na área médica, sendo que a tradução de entrevistas, questionários e material de apoio nos pares linguísticos português<->inglês era uma das etapas.

<sup>5</sup> No projeto usa-se abreviatura como um termo guarda-chuva que inclui abreviaturas, siglas e acrônimos.

suas respectivas traduções para o inglês da *Revista Brasileira de Reumatologia*<sup>6</sup>, e um *corpus* comparável foi criado com 246 artigos escritos originalmente em inglês da revista *Rheumatology*<sup>7</sup>. O mesmo foi feito para o glossário em construção da área da Cardiologia: *corpus* paralelo criado com 250 artigos dos *Arquivos Brasileiros de Cardiologia*<sup>8</sup> e *corpus* comparável, com 250 artigos da *Cardiovascular Research*<sup>9</sup>. Sendo um dos objetivos da pesquisa observar o padrão de uso das abreviaturas em tradução, construíram-se os *corpora* paralelos para se fazer o cotejo entre texto de partida e texto de chegada e os *corpora* comparáveis para validar as abreviaturas usadas em língua inglesa. Ainda que a divulgação científica seja feita em grande parte nessa língua, usamos os textos em língua portuguesa como textos de partida por uma questão de disponibilidade, visto ser relativamente fácil encontrar na internet textos em português com suas traduções para o inglês, mas muito difícil encontrar textos em inglês com traduções para o português.

Esses textos foram então limpos e processados<sup>10</sup>, e abreviaturas com dez ou mais ocorrências foram extraídas para inclusão em glossário bilíngue e para servirem de material de investigação sobre padrões de uso dessas formas reduzidas. Um total de 297 abreviaturas foram coletadas na Reumatologia e 413 na Cardiologia. Vale mencionar que não se desprezaram abreviaturas não exclusivas das áreas selecionadas. Por exemplo, a sigla *HIV* e o acrônimo *AIDS*, ambos incluídos no glossário, são recorrentes em textos da Reumatologia, pois o portador do vírus da imunodeficiência humana tem maior propensão a desenvolver algumas doenças reumáticas. Essa decisão foi tomada para facilitar a consulta de nosso público-alvo (tradutores, pesquisadores ou profissionais do texto que trabalham com texto médico), para que não precise consultar mais de uma fonte, caso se depare com abreviaturas de outras áreas<sup>11</sup>.

---

<sup>6</sup> Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_serial&pid=0482-5004&lng=en](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=0482-5004&lng=en). Acesso em: 23 mai. 2024.

<sup>7</sup> Disponível em: <http://rheumatology.oxfordjournals.org/content/by/year>. Acesso em: 23 mai. 2024.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.scielo.br/jj/abc/>. Acesso em: 23 mai. 2024.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.escardio.org/Journals/ESC-Journal-Family/Cardiovascular-Research>. Acesso em: 23 mai. 2024.

<sup>10</sup> Para essa etapa foram usadas as ferramentas ParaConc (BARLOW, 2001), e AntConc (ANTHONY, 2017; 2019).

<sup>11</sup> Para uma descrição mais detalhada da criação dos *corpora*, ver SILVA, 2022 e SILVA; PAPARELLI, 2018.

O glossário da Reumatologia já foi concluído e encontra-se disponível para consulta no site do Grupo TERMISUL da UFRGS<sup>12</sup>, que hospeda a base de dados ABREVITRAD. Um *link* de ligações externas que leva o consulente ao glossário também foi adicionado à entrada *Reumatologia* da *Wikipedia*<sup>13</sup>. A figura 1 mostra a entrada *AIDS* (português > inglês) na base de dados. Observe que o acrônimo *SIDA* é oferecido como "outra forma", pois ele também aparece no *corpus*, mas em um número menor de textos, sendo menos usado no contexto brasileiro. *HIV* aparece como "ver também", sugerindo que a sigla tem alguma relação com a entrada principal. Os campos "ver também" e "abreviatura em inglês" são *hiperlinks* que levam a outras páginas do glossário. A figura 2 mostra a mesma abreviatura, mas em língua inglesa.

Figura 1: AIDS

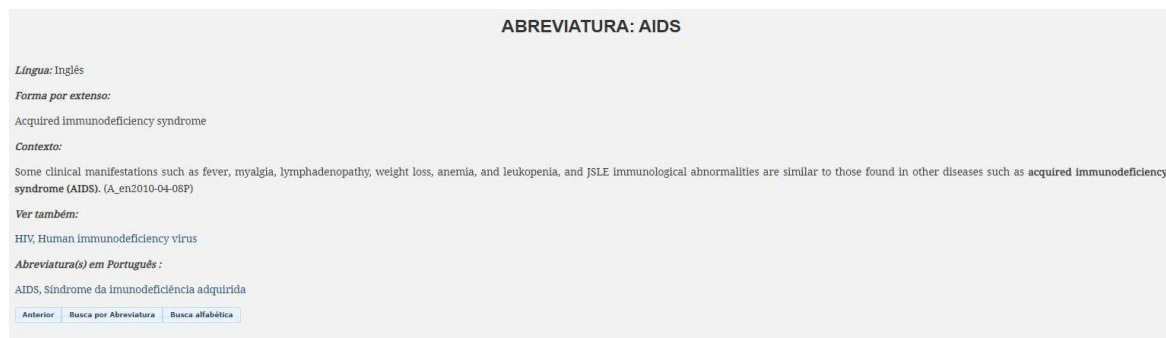
The image shows a screenshot of a glossary entry for 'AIDS' in Portuguese. The title is 'ABREVIATURA: AIDS'. Below the title, it lists 'Língua: Português', 'Forma por extenso: Síndrome da imunodeficiência adquirida', and 'Contexto: Esta idade também foi semelhante à encontrada em um estudo com adolescentes com epilepsia (mediana de 15 anos) realizado pelo mesmo grupo do presente estudo e reforça que, a contracepção para prevenção das doenças sexualmente transmissíveis, incluindo síndrome da imunodeficiência adquirida (Aids) e HPV deve ser uma preocupação cada vez mais precoce nas adolescentes que iniciam atividade sexual. (A\_pt2009-09-06P)'. It also lists 'Outras formas: SIDA' and 'Contexto: Algumas manifestações clínicas, como febre, artralgia, mialgia, linfadenopatia, emagrecimento, anemia, leucopenia e anormalidades imunológicas do LESJ, são semelhantes às encontradas em outras afecções como a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA). (A\_pt2010-04-08P)'. At the bottom, it lists 'Ver também: HIV, Vírus da imunodeficiência humana' and 'Abreviatura(s) em Inglês: AIDS, Acquired immunodeficiency syndrome'. Navigation buttons for 'Anterior', 'Busca por Abreviatura', and 'Busca alfabética' are visible at the bottom.

Fonte: Glossário bilíngue de abreviaturas médicas – Reumatologia (português)

<sup>12</sup> Disponível em: <http://www.ufrgs.br/termisul/reumato/>. Acesso em: 23 mai. 2024.

<sup>13</sup> Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Reumatologia>. Acesso em: 23 mai. 2024.

Figura 2: AIDS



Fonte: Glossário bilíngue de abreviaturas médicas – Reumatologia (inglês)

A seguir trazemos algumas ponderações sobre variação na linguagem especializada. Utilizamos os conceitos de variação denominativa e variação conceitual de Freixa (2006) e Cabré (1999) e a classificação das motivações por trás da variação de Bowker e Hawkins (2006). Temos particular interesse por esta última classificação, pois ela se concentra no texto médico. Assim, selecionamos alguns exemplos de nosso *corpus* para explicar as variações identificadas com base nas motivações apresentadas pelas autoras.

## 2. Variação linguística/terminológica<sup>14</sup>

Em um país da dimensão do Brasil, é comum nos depararmos com variação linguística em nosso dia a dia. Um bom exemplo dessa variação é o uso de nomes populares diferentes para a planta da espécie *Manihot esculenta*. Hoje presente em diversas partes do planeta, essa planta tuberosa é conhecida por vários nomes à medida que nos movemos pelo território nacional, sendo *mandioca*, *aipim*, *macaxeira* e *castelinha* apenas alguns deles. Será que na linguagem especializada também há variações?

<sup>14</sup> Neste capítulo, "variação terminológica" é usada em sentido amplo para se referir a "qualquer tipo de variação relacionada aos termos" (KILIAN, 2007, p. 58).

Caracterizada pelo uso de terminologia<sup>15</sup>, a linguagem especializada, como observa Franco Aixelá (2009), é muitas vezes criada por pessoas que compartilham uma profissão no intuito de alcançar precisão e clareza, ou para manter exclusividade para fortalecer o sentimento de pertencimento desses profissionais. Dessa maneira, haveria uma tendência em manter a terminologia inalterada. Porém, um número cada vez maior de trabalhos (BOWKER e HAWKINS, 2006; FREIXA, 2006; KILIAN, 2007; MACIEL e REUILLARD, 2015; KRIEGER e SANTIAGO, 2014; AZENHA, 1999; CABRÉ, 1995) aponta para outra direção, como nos mostra Kilian:

A Terminologia de perspectiva tradicional postula que deve haver uma relação unívoca entre um conceito e sua forma linguística. Conforme essa abordagem de caráter normativo, não haveria interpretações ambíguas em discursos especializados. No entanto, a partir dos anos 90 com as abordagens modernas em Terminologia, surgiram vários estudos descritivos que analisam a variação terminológica nos contextos reais de ocorrência. Esses trabalhos mostram que as unidades especializadas são de natureza dinâmica e que o léxico especializado também está sujeito ao fenômeno da variação, tão comum à língua natural (KILIAN, 2007, p. 56).

Somente na área da Medicina, em que textos são notadamente repositórios de terminologia, Bowker e Hawkins (2006) assinalam que já há inúmeros dicionários e enciclopédias que remetem o consulente a sinônimos ou variantes. Para as autoras, a ocorrência de variação em textos médicos traz inúmeros desafios para o tradutor que, segundo elas, são treinados para a padronização terminológica. Essa padronização, porém, pode acabar apagando variações usadas intencionalmente pelo autor do texto de partida. Segundo Krieger e Santiago (2014), a variação terminológica nessa área ocorre sobretudo em decorrência da tecnologia e da globalização, que vêm popularizando a Medicina (basta olharmos para a variedade de séries com temática médica na televisão e nos chamados *streamings*), o que aumenta o interesse do público em geral por problemas relacionados à saúde. Os autores discorrem sobre variação sobretudo nos textos de divulgação científica, pois, tendo como público-alvo o leitor leigo, é preciso tornar esse texto menos hermético.

---

<sup>15</sup> Aqui compreendida como o "conjunto dos termos especializados próprios de uma ciência, arte, técnica ou profissão" (CABRÉ, 1999, apud BEVILACQUA e KILIAN, 2017, p. 1708).



Em nossa pesquisa, porém, que tem por base textos de revistas especializadas – voltadas, portanto, aos especialistas da área –, também foi identificada variação tanto nas abreviaturas quanto nas formas plenas correspondentes, sendo que, via de regra, a primeira acontece como consequência da segunda, mas não necessariamente.

Freixa (2006) e Cabré (1999) dividem essa variação em denominativa e conceitual. A variação denominativa corresponde aos casos em que o mesmo conceito corresponde a termos diferentes (no nosso caso, a abreviaturas diferentes); já a variação conceitual diz respeito aos casos em que um só termo (abreviatura) corresponde a mais de um conceito. Vale mencionar que, quando falamos em variação conceitual em relação ao nosso *corpus*, não estamos nos referindo às formas plenas propriamente ditas, mas ao que está por trás delas, ou seja, aos eventos aos quais se referem. Variações nas formas plenas são tratadas como variação denominativa sendo que as abreviaturas, nosso objeto de estudo, são, em si, variações das formas plenas. As figuras 3, 4 e 5 mostram exemplos dessas variações identificadas no glossário.

**Figura 3: Entrada AVC**

ABREVIATURA - CARDIOLOGIA: AVC

*Língua:* Português

*Forma por extenso:*  
Acidente vascular cerebral

*Contexto:*  
Pacientes com fibrilação atrial (FA) estão sob elevado risco de **acidente vascular cerebral (AVC)**. (PT\_18-111-03.40)

*Outras formas:*  
AVE (acidente vascular encefálico)

*Contexto:*  
Evento cardiovascular prévio foi definido como história progressiva de doença arterial coronariana (DAC), **acidente vascular encefálico (AVE)** isquêmico ou hemorrágico e necessidade de procedimentos de revascularização miocárdica. (PT\_15-105-03.52)

*Notas:* Na língua inglesa não há correspondente para a sigla; é utilizada somente a palavra "stroke".

[Anterior](#) [Busca por Abreviatura - Cardiologia](#) [Busca alfabética](#)

Fonte: Glossário bilíngue de abreviaturas médicas – Cardiologia (português)

A figura 3 traz um exemplo de variação denominativa. Como podemos ver, há duas abreviaturas, identificadas no nosso *corpus*, para o evento de entupimento ou rompimento de vasos que conduzem sangue ao cérebro - *AVC* (*acidente vascular cerebral*) e *AVE* (*acidente vascular encefálico*), popularmente conhecido como derrame. Em casos de variação denominativa, inserimos a abreviatura com mais ocorrência no *corpus* na entrada principal e a menos recorrente no campo "outras formas" – conforme exemplificado anteriormente com o caso das abreviaturas AIDS / SIDA –; ambas acompanhadas do respectivo contexto selecionado do *corpus*.

**Figura 4: Entrada CMD<sup>1</sup>**

**ABREVIATURA - CARDIOLOGIA: CMD<sup>1</sup>**

*Língua:* Português

*Forma por extenso:*

Causas mal definidas

*Contexto:*

Já as **causas mal definidas (CMD)** de óbito flutuam entre a quinta e a sétima posições nos menores de 15 anos, sendo a terceira causa mais importante nas crianças de 15 a 19 anos. (PT\_16-106-06.47)

*Abreviatura(s) em Inglês :*

IDC

Fonte: Glossário bilíngue de abreviaturas médicas – Cardiologia (português)

**Figura 5: Entrada CMD<sup>2</sup>**

**ABREVIATURA - CARDIOLOGIA: CMD<sup>2</sup>**

*Língua:* Português

*Forma por extenso:*

Cardiomiopatia dilatada

*Contexto:*

Embora a dilatação do átrio esquerdo seja um marcador de disfunção diastólica do Ventrículo Esquerdo (VE) e possa ocorrer secundariamente à insuficiência mitral, não estão claros quais os determinantes do aumento do átrio esquerdo nos pacientes com **Cardiomiopatia Dilatada (CMD)**. (PT\_15-105-01.28)

Fonte: Glossário bilíngue de abreviaturas médicas – Cardiologia (português)

As figuras 4 e 5 ilustram o fenômeno de variação conceitual, sendo que a mesma abreviatura, *CMD*, pode se referir tanto a *Causas mal definidas* como à *Cardiomiopatia dilatada*. Como se referem a eventos diferentes, no glossário foi criada uma entrada para cada abreviatura, acrescentando-se um número sobrescrito para indicar essa variação.

Após observar que essa classificação de Freixa (2006) e Cabré (1999) poderia ser aplicada às formas reduzidas, passamos para uma próxima etapa de identificação de possíveis motivações que levam a escolhas de uma ou outra forma. Como já mencionado, buscamos apoio na classificação de Bowker e Hawkins (2006) porque ela se aplica sobretudo ao texto médico. As autoras acreditam que o conhecimento das motivações por trás da variação na terminologia médica ajuda principalmente tradutores e terminólogos, que precisam se conscientizar que a variação não é um resultado de uma escolha aleatória ou displicente. Saber o porquê de sua existência pode ajudá-los a não padronizar inadequadamente a terminologia.

### 3. Motivações para variação terminológica

Nesta seção, discutimos as motivações apresentadas por Bowker e Hawkins (2006) para variação na terminologia médica, e as complementamos, trazendo exemplos extraídos de nosso *corpus*. O quadro 1 apresenta uma síntese dessas motivações.

**Quadro 1: Motivações para variação terminológica (BOWKER e HAWKINS 2006)**

Motivação	Definição
Conceitual	Escolhas feitas com base em padrões de direcionalidade, padrões de localização inicial e final de uma patologia e padrões de etiologia (causa e efeito).
Linguística	Escolhas feitas baseadas em fatores como colocações, prosódia semântica, formas reduzidas, entre outras.
Social	Escolhas feitas com base em influências externas, como variação geográfica, convenções institucionais e outras.

Fonte: As autoras

Partindo dessa classificação, procuramos averiguar em nosso *corpus* se as variações identificadas nas abreviaturas poderiam ter sido motivadas por alguns desses elementos. De fato, nossa investigação apontou para essa direção, mas também foram identificadas motivações que não se encontram na classificação das autoras<sup>16</sup>.

Segundo a classificação de Bowker e Hawkins (2006), as motivações que perpassam a constituição dos termos médicos são:

Motivação conceitual<sup>17</sup> – refere-se a propriedades das patologias, como, por exemplo, a ordem de acometimento dos órgãos-alvo de determinada doença, ou sua direcionalidade. Existem, por exemplo, os termos *dorsoventral* e *ventrodorsal*. Enquanto o primeiro indica o movimento que vai das costas ao ventre, o segundo é o movimento oposto.

Motivação linguística – refere-se a questões como colocações, prosódia semântica, formas reduzidas, entre outras, que afetam a naturalidade e convencionalidade do texto. Em relação às formas reduzidas, cujo uso também pode ser motivado por fatores sociais, elas podem se consolidar por serem aceitas por um número significativo de pessoas, independentemente de seguirem ou não a ordem lógica para sua criação.

É importante lembrar aqui que, como as autoras, consideramos as formas reduzidas como variações das formas plenas, mas que também apresentam variações. As motivações por trás de variações em abreviaturas e em formas plenas, porém, não são necessariamente as mesmas, como mostramos mais adiante.

Motivação social – refere-se a influências externas, como variação geográfica, convenções institucionais e outras. Diferentes lugares, ainda que usem a mesma língua, podem não usar a mesma terminologia (ex. Reino Unido vs Estados Unidos; Portugal vs Brasil). A evolução da linguagem médica, conhecimento do

---

<sup>16</sup> Para essa discussão, além do trabalho de Bowker e Hawkins (2006), baseamo-nos em Yoshimi (2022) e no conhecimento de uma das autoras deste capítulo com formação em Medicina.

<sup>17</sup> Embora essa classificação também seja chamada de conceitual, à semelhança da classificação proposta por Freixa (2006) e Cabré (1999), é importante ressaltar que se trata de abordagens e, portanto, classificações distintas: enquanto Freixa e Cabré classificam a tipologia das variações, Bowker e Hawkins (2006) trabalham com as motivações que podem justificar as variações observadas na área médica.

campo, frequência com que determinado termo é usado, ou qual foi a primeira variante a ser usada também são fatores que podem ser determinados socialmente.

#### 4. Variações nas abreviaturas

##### Motivação conceitual

Segundo Bowker e Hawkins (2006), do ponto de vista da Tradução e da Terminologia, motivações conceituais são as mais importantes, pois a recombinação dos elementos de um determinado termo em uma ordem diferente pode afetar seu significado. Embora ainda não tenhamos identificado nenhum dos padrões que compõem essa motivação (direcionalidade, localização inicial e etiologia), identificamos dois padrões que não fazem parte do modelo das autoras: um a que chamamos de produto versus processo, e outro fundamentado na distinção entre geral e específico. Podemos ilustrar o primeiro discutindo o caso da terminologia de uma enzima hepática, antigamente chamada, em português, de *transaminase glutâmico-pirúvica (TGP)*, que atualmente é conhecida como *alanina aminotransferase (ALT)*. Conforme pode-se perceber, ocorreu uma variação da forma plena, que resultou em variação também da abreviatura. Essa mudança, que não é exclusiva da língua portuguesa, originou-se da mudança da nomenclatura da enzima que, enquanto anteriormente recebia o nome relativo ao produto originado pela ação da enzima (a saber, *glutamato e piruvato*), passou a ser nomeada de acordo com a ação (transferência de grupos *amino* – *aminotransferase*), propriamente dita, que ela exerce.

Em relação ao padrão geral versus específico, refere-se a mudanças na forma plena decorrentes do grau de especificação dos termos. Como exemplo dessa situação, observam-se as seguintes formas: *FAN (fator antinuclear)* e *ANA (anticorpos antinucleares)*. Ambas as nomenclaturas se referem à mesma entidade, com a diferença de que, quando foram inicialmente identificados, esses anticorpos foram genericamente chamados de “fator”, sendo posteriormente renomeados quando sua função foi especificamente identificada. Tanto nesse caso, quanto no

caso supracitado das enzimas hepáticas (*TGP* e *ALT*), ambas as formas, mais antigas e mais recentes, são ainda utilizadas na área.

### **Motivação linguística**

Apesar das abreviaturas e acrônimos já serem formas mais econômicas em relação às formas plenas, às vezes, elas podem ser ainda mais reduzidas, consistindo em outra causa de variação bastante frequente. Exemplos dessas ocorrências foram encontradas em inglês e principalmente em português (que costuma ter palavras maiores, em média, quando comparada ao inglês), a saber: *CYCLO/CYC* (*Cyclophosphamide*), *DMT1/DM1* (*diabete mellitus tipo 1*), *FACF/FCF* (*fibroateroma de capa fina*) etc. O princípio da economia na linguagem já é bastante conhecido e se faz presente tanto na língua escrita quanto na falada, o que pode contribuir para o surgimento de novas formas até mesmo de termos já bem estabelecidos em determinada área. Dentre as motivações linguísticas, essa foi a que apresentou maior incidência na análise do nosso *corpus*.

Outra variação nas formas reduzidas causada por motivação linguística é aquela que ocorre em função do diferente ordenamento dos elementos da forma plena, como, por exemplo, em relação ao termo "*teste cardiopulmonar de exercício (TCPE)*", que também pode ser chamado de "*teste de exercício cardiopulmonar (TECP)*". A explicação para essa variação muito provavelmente tem, mais uma vez, relação com a língua inglesa na qual a referida testagem é conhecida como *cardiopulmonary exercise testing (CPET)*. Embora nos dois casos em português a palavra "teste" seja a primeira, a manutenção do termo "cardiopulmonar" precedendo a palavra "exercício" provavelmente deriva de uma tradução mais literal do inglês, enquanto que no termo com a inversão dos elementos (exercício cardiopulmonar), a colocação leva em conta a ordem mais frequentemente utilizada na língua portuguesa.

## Motivação social

Observamos que a variação nas formas reduzidas em textos escritos em português acontece, em parte, pelo uso desses elementos tanto em inglês quanto em português. Por exemplo, no contexto brasileiro, embora exista para *Síndrome de Imunodeficiência Adquirida* a abreviatura *SIDA* em português, a forma derivada do inglês – *AIDS* – não só existe, como é utilizada com maior frequência no contexto brasileiro, como já mencionado. À semelhança dessa, diversos outros exemplos foram identificados, como *VNC/CNV*<sup>18</sup> (*variação no número de cópias*) *DARMD/DMARD* (*droga antirreumática modificadora do curso da doença*), *QIV/FIQ* (*questionário de impacto da fibromialgia*), entre outros, sendo que em todos esses casos, a abreviatura em língua inglesa aparece em número maior que a sua correspondente em língua portuguesa. A hipótese mais provável para explicar essa situação é o fato de que a maior parte do material de referência da área médica é escrita em inglês. Dessa maneira, muitas vezes, antes mesmo que haja uma tradução de determinado termo para o português, a abreviatura em inglês já se encontra estabelecida entre os profissionais da área, fazendo com que essa forma reduzida se consolide, assim permanecendo mesmo após o aparecimento de correspondente em português.

De acordo com a classificação de Bowker e Hawkins (2006), a motivação para variação dessas abreviaturas seria social, pois as formas reduzidas que vêm das formas plenas em língua inglesa não caem em desuso, por terem sido criadas por instituições ou materiais que se tornaram referência. Assim, acabam por conviver lado a lado com potenciais substitutos.

Outras variações de motivação social entre formas reduzidas são aquelas regidas por convenções das instituições, que podem ser ilustradas pela nomenclatura de um dos anticorpos relacionado a doenças reumáticas – que pode ser chamado tanto de *anti-Ro*, quanto de *anti-SSA* ou ainda, *anti-Ro/SSA* – e pela forma como podemos nos referir a determinada classe de anti-inflamatórios: *AINEs*

---

<sup>18</sup> Embora sejam utilizadas na língua portuguesa, essas abreviaturas derivam das formas plenas em inglês, a saber: *CNV* – *copy number variation*, *DMARD* – *disease-modifying antirheumatic drug*, *FIQ* – *fibromyalgia impact questionnaire*.

(*anti-inflamatórios não esteróides* ou *anti-inflamatórios não esteroideais*) ou *AINH* (*anti-inflamatórios não hormonais*). No caso dos anticorpos, a diferença da nomenclatura se dá pelo fato de o mesmo anticorpo ter sido identificado (no sangue de pacientes com patologias reumáticas distintas), ao mesmo tempo, em dois laboratórios diferentes, sendo naturalmente nomeado por cada um dos laboratórios de uma maneira (YOSHIMI *et al.*, 2012). Já no caso dos anti-inflamatórios, trata-se de uma questão de especificidade: os esteróides são um tipo de hormônio, de forma que todo esteróide é um hormônio, mas nem todo hormônio é um esteróide. De qualquer maneira, em ambos os casos (anticorpos e anti-inflamatórios), qualquer uma das formas é igualmente aceita dentro da especialidade; os profissionais utilizam uma forma ou outra regidos basicamente pelas convenções ou simplesmente pelos hábitos de uso do meio no qual estão inseridos.

Por uma questão de espaço, trouxemos nesta seção apenas um exemplo para ilustrar cada uma das categorias de motivação para variação que relacionamos com as apresentadas por Bowker e Hawkins (2006), mas vale mencionar que nos *corpora* combinados, foram identificadas até o momento 58 abreviaturas que apresentam uma ou mais variações. Além disso, não pretendemos sugerir com nossa proposição que essa seja uma classificação definitiva e, muito menos, exaustiva das motivações que permeiam a variação terminológica no que tange às abreviaturas na área médica. Comparando a classificação de Bowker e Hawkins (2006) em relação às formas plenas dessa área com a categorização que aqui propomos, pode-se observar que, embora a variação das formas abreviadas esteja intimamente relacionada com a variação de suas respectivas formas plenas, as formas reduzidas podem variar até mesmo quando suas formas plenas se mantêm iguais, da mesma forma que podem também não variar com a variação das formas por extenso.

## **5. Considerações finais**

Com base em trabalhos que discorrem sobre variação linguística e terminológica, mostramos nesse capítulo que a linguagem especializada, assim como a linguagem geral, está sujeita a esse fenômeno. Durante a elaboração de glossários de abreviaturas das áreas da Reumatologia e da Cardiologia,



identificamos que alguns desses elementos também sofrem variações. Encontramos em Bowker e Hawkins (2006) uma classificação de motivações (conceituais, linguísticas e sociais) que conseguimos associar às formas reduzidas de nosso glossário, tendo identificado dois outros padrões relacionados a motivações conceituais (produto vs. processo e geral vs. específico).

Do ponto de vista da Tradução, é interessante observar como as abreviaturas criadas em tradução podem se consolidar e passar a serem usadas ao lado de variantes já existentes, como é o caso da sigla *TCPE* (*teste cardiopulmonar de exercício*) que trouxemos aqui.

Ratificamos o alerta feito pelas autoras a tradutores e terminólogos da importância de conhecerem as motivações por trás de variações para que não produzam textos que não levam em conta a dinamicidade da linguagem especializada, perpetuando a ideia de univocidade, que já vem sendo questionada há décadas.

## Referências

ANTHONY, L. AntConc. Versão 3.5.8. Tóquio: Waseda University, 2019.

ANTHONY, L. AntPConc. Versão 1.2. Tóquio: Waseda University, 2017.

AZENHA, J. Jr. **Tradução Técnica e Condicionantes Culturais**. São Paulo: Humanitas, 1999.

BARLOW, M. ParaConc. Versão 1.0. Houston: Athelstan, 2001.

BEVILACQUA, C.; KILIAN, C. Tradução e Terminologia: relações necessárias e a formação do tradutor. **Domínios da Lingu@gem**, v. 11, n. 5, p.1707-1726, 2017. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/37409>.

BOWKER, L; HAWKINS, S. Variation in the organization of medical terms. **Terminology**, v. 12, n. 1, p. 79-110, 2006.

CABRÉ, M.T. On diversity and terminology. **Terminology**, v. 2, n. 1, p. 1-16, 1999.

FRANCO AIXELÁ, J. An overview of interference in scientific and technical translation. **The Journal of Specialised Translation**, n. 11, p. 75-88, 2009.

FREIXA, J. Causes of denominative variation in terminology: A typology proposal. **Terminology: International Journal of Theoretical and Applied Issues in Specialized Communication**, v. 12, n. 1, 2006.

KILIAN, C. K. **A Retomada de unidades de significação especializada em textos em língua alemã e portuguesa sobre gestão de resíduos**: uma contribuição para a tradução técnico-científica. 2007. 247p. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/17529>.

KRIEGER, M. G.; SANTIAGO, M. S. Terminologia médica e variação. **XVII Congresso Internacional Asociación de Linguística y Filología de América Latina (ALFAL)**, 2014. João Pessoa. Anais da ALFAL 2014: Congresso Internacional Asociación de Linguística y Filología de América Latina (ALFAL). João Pessoa: Ideia, 2014. p. 1-10

MACIEL, A. M. B.; REUILLARD, P. C. R. – Abordagem da variação terminológica em uma base de dados de combinatórias léxicas. **TradTerm**, São Paulo, v. 26, dezembro/2015, p. 223-240.

SILVA, M. M. Subcompetência instrumental e elaboração de material de referência. **Revista de estudos da linguagem**. Belo Horizonte, MG, v. 30, n. 1, 2022, p. 269-292.

SILVA, M. M.; PAPARELLI, G. V. O uso de corpus paralelo e comparável para descrever padrões de uso na tradução de abreviaturas e acrônimos de termos médicos. **Linguística de corpus: perspectivas**. Porto Alegre: UFRGS, 2018. p. 323-339.

YOSHIMI, R. et al. Clinical and pathological roles of Ro/SSA autoantibody system. **Clinical and Developmental Immunology**, v. 2012, p. 1-12, 2012. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3523155/>.